"FOI POR ACASO": REFLEXÕES SOBRE A COINCIDÊNCIA

HOWARD S. BECKER
University of Washington

A forma como me interessei pelo problema descrito neste trabalho[1] incorpora o problema discutido. Tudo aconteceu mais ou menos assim: em abril de 1990, viajei para o Rio de Janeiro como *scholar* da Fundação Fulbright com o objetivo de lecionar no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social no Museu Nacional. Esta era a minha terceira visita ao Rio e a segunda vez que lecionava no PPGAS do Museu.

A primeira visita ao Rio havia resultado de uma estranha conjuntura de circunstâncias. Um amigo que conhecera através da Haight-Ashbury Free Medical Clinic (uma história curiosa à parte) era então o responsável pelo programa brasileiro da Fundação Ford. Ele havia conhecido Gilberto Velho, antropólogo que lecionava nesse programa de pós-graduação e cuja especialidade era antropologia urbana. Gilberto lera o meu livro *Outsiders* e muitos de seus alunos estavam estudando o fenômeno do desvio em sociedades complexas. Assim, Richie Krasno me telefonou um dia sugerindo que eu passasse um período no Rio, a fim de participar do Programa do Museu Nacional, então financiado pela Ford.

Foi um convite inesperado. Os meus conhecimentos do Brasil eram escassos e resumiam-se à bossa nova (e isto apenas por causa do meu passado como músico). Mas, por alguma razão que nunca compreendi ou procu-

1. Este artigo, publicado anteriormente em *The Sociological Quarterly* 35 (2): 183-94, 1994, com o título "'Foi por Acaso': Conceptualizing Coincidence", foi traduzido para o português por Clare Charity.

Anuário Antropológico/93
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995

rei explicar a mim mesmo, decidi que deveria aceitar o convite. Passei um ano estudando português; li (com enorme dificuldade, confesso) os dois livros de sua própria autoria que Gilberto havia me enviado, e viajei para o Rio no outono (norte-americano) de 1976. Foi uma experiência fantástica e, depois de retornar aos Estados Unidos, mantive a ligação com o Programa lendo trabalhos que os novos conhecidos me mandavam, enviando-lhes o meu próprio trabalho para que lessem, fazendo breves visitas, contatando brasileiros que vinham aos Estados Unidos e orientando vários estudantes brasileiros que vinham aos Estados Unidos para realizar o doutorado ou, às vezes, só por um período de um ano no exterior.

Voltei ao Rio de novo em 1990 para uma visita que me parecia há muito devida. Ofereci então um curso com Gilberto Velho sobre o que vinha a ser aproximadamente a "Escola de Sociologia de Chicago", um assunto que há muito o interessava e que, tendo se tornado moda em Paris, se tornara mais interessante no Rio de Janeiro. Fazendo do escritório de Gilberto a minha sala, tive ampla oportunidade de explorar a sua atulhada mesa de trabalho, com pilhas enormes de revistas, periódicos, jornais, livros e papéis. Assim que cheguei, passei a ler intensamente em português e um dos trabalhos que li foi um artigo recomendado por Gilberto, de autoria de Antonio Candido (Candido 1990). Eu jamais ouvira falar de Antonio Candido[2], que é, na realidade, uma das figuras literárias mais importantes do Brasil. A sofisticação e elegância literária do artigo me impressionaram enormemente e passei a querer saber mais sobre o autor.

Antonio Candido, descobri, estudara sociologia, tendo, na realidade, lecionado essa matéria no decurso de muitos anos, antes de se tornar professor de literatura comparada: sua tese (Candido 1987 [1964]) consistia em um estudo sobre o modo de vida dos habitantes da zona rural no estado de São Paulo. E, em conseqüência, Mariza Peirano, antropóloga interessada no desenvolvimento da antropologia no Brasil, o havia entrevistado quando

2. Howard S. Becker traduziu para o inglês, editou e fez a introdução de um livro de Antonio Candido: *Essays on Literature and Society* (Princeton University Press, 1995). Além disso, publicou no periódico *Sociological Theory* 10 (1): 1-59 um "Symposium on Brazilian Social Thought", no qual, depois de uma introdução sua, "Social Theory in Brazil", incluiu as traduções feitas por ele próprio dos artigos "Project, Emotion, and Orientation in Complex Societies", de Gilberto Velho, "Four Waitings", de Antonio Candido, e "The Pluralism of Antonio Candido", de Mariza Peirano (N. do E.).

preparava a sua tese de doutorado. Para aguçar o meu crescente interesse por Candido, Gilberto me deu mais um artigo para ler, em que Mariza Peirano utilizava parte da entrevista para analisar a trajetória intelectual de Antonio Candido (Peirano 1992a: 25-49), e um outro artigo, no qual ela discutia um fenômeno interessante que descobrira durante a sua pesquisa (Peirano 1992b).

Achei este último artigo interessante a partir do primeiro parágrafo. Ele havia sido publicado na revista *Anuário Antropológico* e começava assim:

> Há onze anos atrás, ao fazer uma série de entrevistas com cientistas sociais, observei um fenômeno curioso. Meu objetivo na época era esclarecer aspectos que haviam ficado nebulosos para mim, mesmo depois de haver lido as obras e estudado as carreiras intelectuais destes autores, a quem considerva fundamentais para a compreensão do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. A maioria deles havia nascido na década de 20 e estava, portanto, entre seus cinqüenta e sessenta anos de idade. Entre eles estavam Florestan Fernandes, Antonio Candido, Darcy Ribeiro e, o caçula, Roberto Cardoso de Oliveira. Nestas entrevistas, cuja duração foi de aproximadamente duas horas para cada autor, surpreendi-me ao ouvir com freqüência a expressão "Foi por acaso" ou "Tratou-se de um fenômeno ocasional" para explicar a mudança de rumo em determinado momento de suas carreiras. Todos lançaram mão do acaso nas conversas que mantivemos [: 9].

Mariza Peirano surpreendeu-se, pois, como ela mesmo afirma, o trabalho de todos estes autores era fortemente influenciado por modelos sociológicos de explicação causal. Era somente ao refletir sobre as suas próprias vidas que, para os autores, as teorias, de cunho determinista, não constituiam explicações adequadas; em relação a outras pessoas, a linguagem mais convencional das ciências sociais era perfeitamente plausível.

Mariza Peirano incluiu uma série de exemplos sobre como a vida destes intelectuais refletia os eventos, não causais, mas casuais. Um deles, por exemplo, tratava da maneira pela qual Roberto Cardoso de Oliveira, pioneiro no desenvolvimento da profissionalização da antropologia no Brasil, tornara-se antropólogo.

> No final de 1953, Darcy Ribeiro realizou uma conferência na Biblioteca Municipal em São Paulo e, como procurava então um assistente para um curso a ser oferecido no Museu do Índio, diz que encontrou em Roberto, apresentado por um amigo comum, o único capaz e inteligente para o cargo. Roberto relutou,

> considerou que sua formação era em filosofia e sociologia, mas não convenceu Darcy, que argumentava que se Lévi-Strauss havia aprendido etnologia depois de formado, por que não ele? Então, devido a este início "puramente acidental", de um encontro na Biblioteca Municipal, Roberto Cardoso de Oliveira fez a transição da sociologia para a antropologia, aprendendo com Darcy a lição do indigenismo e conservando de Florestan a ambição teórica. Nasceu, daí, a antropologia de cunho sociológico que tem no conceito de "fricção interétnica" a evidência de que Roberto Cardoso criou uma 'eva' tirada da costela da sociologia uspiana [: 11].

Eu próprio estava, por uma outra série de circunstâncias que haviam conduzido ao meu recente casamento, especialmente aberto ao reconhecimento daquilo que julgava ser os elementos "do acaso" na vida social. Como outros tantos, estava mais do que cônscio dos muitos fatos que, se houvessem ocorrido de maneira diversa, teriam me levado a outro lugar e não a Columbia, Missouri, no dia em que conheci Dianne Hagaman. Naquela circunstância, eu poderia discorrer sem fim sobre como teria sido fácil acontecer de Dianne e eu não nos conhecermos. Li, portanto, o artigo de Mariza Peirano com grande interesse e muita atenção.

Fiz, para Gilberto, verdadeiras palestras informais sobre como Dianne e eu nos conhecemos — até o limite do suportável para ele —, e terminamos por discutir o tema pelas semanas que se seguiram até o resto da minha estada no Rio. Em outras palavras, para pôr um fim a este desvio auto-exemplificante, foi também acidentalmente que tomei interesse pelo problema do papel desempenhado pelo acaso e pela coincidência na vida social.

À medida que refletia sobre tudo isto, o principal problema parecia ser que, enquanto todos reconhecem que histórias tais como estas constituem "a maneira como as coisas realmente acontecem", não existe linguagem conceitual para discutirmos aquilo que todos sabemos. Quando falamos como cientistas sociais profissionais, nos referimos a "causas", de uma maneira que soa irreconhecível no quotidiano. Esta disparidade não é motivo de preocupação para muitos sociólogos, mas preocupa a mim. E penso que deveria ser motivo de preocupação para todos nós. Herbert Blumer costumava dar a seus alunos (e eu era um deles) o seguinte exercício: "Aplique qualquer uma das teorias correntes da psicologia social a quaisquer dez minutos de sua própria existência." O que descobríamos ao fazer o exercício era que as teorias que aprendemos em outros cursos eram totalmente inúteis para esta finalidade corriqueira. Restava-nos a seguinte pergunta: se estas teorias não podem explicar algo tão simples quanto 'como faço o meu

café da manhã?', como podem explicar a essência do urbanismo, conflito de classes, e tudo mais?

A exigência de que teorias devam ser aplicáveis aos detalhes do dia-a-dia constitui critério difícil para qualquer uma teoria resolver. Mas é esse critério que quero invocar na discussão do onipresente fenômeno do acaso. Conseguiremos encontrar uma linguagem que faça justiça à nossa compreensão de senso comum do papel de uma teoria em relação a tudo o que nos acontece? E, encontrando-a, será que ela nos levará a descobertas sobre a natureza da vida social que de outra maneira jamais teríamos alcançado?

A fenomenologia da coincidência

Gilberto Velho e eu fizemos algum progresso discutindo o problema. Em primeiro lugar, é notável que o "acaso" surja como a explicação dos principais eventos da vida de uma pessoa — como vim a escolher minha carreira, como selecionei meu parceiro — e, raramente como a explicação acima, de como alguém se interessou por um tópico teórico. Diaconis e Mosteller abrem sua discussão sobre o assunto com estes exemplos:

> Coincidências [...] podem alterar o curso de nossas vidas: onde trabalhamos e em que, com quem moramos e outras características básicas da existência do dia-a-dia muitas vezes parecem se apoiar sobre a coincidência [Diaconis & Mosteller 1989: 853].

Eventos tais como carreiras e casamentos são importantes, pois dão forma a nossas vidas — mais, eles dão sentido a nossas vidas. Portanto, preocupamo-nos com seus resultados. E sabemos que, não tivessem ocorrido, nossas vidas teriam sido completamente diferentes. Portanto, não é de surpreender que queiramos ter a explicação exata de como ocorreram estes eventos importantes. Dispomo-nos, portanto, a seguir cadeias longas e complexas de contingências onde quer que nos conduzam. Quanto mais complexa e detalhada a história, tanto mais adequada julgamos a explicação. A complexidade da história é testemunha da importância do evento.

Mas todo evento — e não somente aqueles que nos parecem importantes — são o resultado de uma seqüência igualmente longa de eventos que a

ele conduzem. Os eventos que conduziram a meu primeiro encontro com minha mulher me parecem especialmente importantes. Afinal, conheci muitas outras pessoas pelas quais poderia ter-me interessado o suficiente para que uma possibilidade de casamento surgisse. Visto não ter-me interessado por elas, também não procuro uma explicação sobre as razões pelas quais as conheci. Prefiro, para fins desta discussão, tratar a descoberta do problema intelectual da coincidência como um evento que necessita desse tipo de explicação detalhada. Mas penso insistentemente sobre todas essas coisas o tempo todo, junto com as muitas idéias que tenho sobre a natureza da vida e dos processos sociais. Cada uma delas, por sua vez, possui uma história igualmente complexa. Cada uma veio de algum lugar e foi dependente do fenômeno da coincidência, da mesma maneira como aconteceu neste caso.

Em outras palavras, insistimos numa explicação melhor para as coisas que julgamos importantes do que para as coisas que nos são indiferentes. Se tivéssemos uma noção mais generosa do que é importante, se insistíssemos no mesmo nível detalhado de explicação, ou para um grande número de eventos, ou, no caso limite, para todos os eventos, certamente pensaríamos sobre a sociedade de maneira diferente.

O "acaso" e o acaso

Mas tudo isto não é a mesma coisa que persistir sobre a "extraordinária" natureza da coincidência ou negar a possibilidade de uma explicação racional para tais eventos. Na verdade, é a natureza da explicação racional que está em questão. Diaconis e Mosteller (: 859-60), em seu artigo esclarecedor, listam quatro explicações corriqueiras e racionais para o que poderia, sem uma inspecção mais completa, parecer extraordinárias coincidências. São elas:

1) **Causas ocultas**: existem causas determináveis, apenas nunca as descobrimos e provavelmente nunca as procuramos.
2) **Psicologia**: "O que percebemos como coincidências e o que desprezamos como sendo sem importância depende daquilo a que somos sensíveis."
3) **Pontos finais múltiplos e o custo do "fechar"**. Se somos suficientemente abertos na definição do que constitui uma coincidência,

muitas coisas que poderiam parecer extraordinárias são, de fato, estatísticamente bastante prováveis. Em um grupo de 23 pessoas, por exemplo, é quase certo que pelo menos duas tenham a mesma data de aniversário. Mas serão necessárias apenas quatorze pessoas para termos a possibilidade que duas delas terão a data de aniversário com um dia de diferença. E com apenas sete pessoas, haverá 50% de probabilidade que duas tenham a sua data de aniversário com uma semana de diferença.

4) **A lei dos números verdadeiramente elevados**: Com um número suficiente de casos, mesmo os eventos mais raros acontecem com relativa freqüencia. "Se uma coincidência ocorre com relação a uma pessoa em um milhão a cada dia, então (nos EUA, com uma população de 250 milhões), esperamos 250 ocorrências por dia e perto de 100 000 ocorrências desta natureza em um ano."

A análise de Diaconis e Mosteller nos conduz à conclusão de que a coincidência provavelmente não requer qualquer novo tipo de explicação. As explicações que já conhecemos, devidamente aplicadas, serão tudo aquilo de que necessitamos.

Mas suas explicações não solucionaram o meu problema, embora tenham ajudado a especificá-lo mais claramente. Meu problema não era explicar ocorrências pouco usuais. O que eu desejava era poder falar sobre todos os elementos que *tinham* necessariamente que estar presentes para que um evento ocorresse da maneira como ocorreu. Isto me levou a ficar profundamente consciente de que muitos daqueles elementos *não* teriam necessariamente de estar ali. Não me interessava a explicação da sua presença, mas a maneira pela qual os eventos dependiam da co-presença de todos estes elementos, por mais provável ou improvável que isso parecesse.

Determinismos e causas

Após refletir sobre estes problemas por algum tempo, fui levado a procurar ajuda profissional. Parecia-me que eu estava sendo arrastado para uma espécie de emaranhado filosófico sobre a natureza da explicação, tópico que pouco conheço. Portanto, decidi consultar um especialista: Stephen Toulmin, um filósofo que possui uma profunda compreensão não somente

de questões epistemológicas, mas também dos problemas e do potencial da ciência social.

Apresentei-lhe os meus resultados até então e ele me deu vários tipos de *feedback*, a maior parte sobre o determinismo como forma de explicação. Em primeiro lugar, ele fez a óbvia distinção entre as explicações que aceitamos para simples eventos físicos e aquelas necessárias para a compreensão dos eventos humanos. A noção convencional da explicação científica, disse ele, reside num caso estranho: a explicação de Newton sobre o movimento dos planetas. Nela temos o modelo que indica o quão pouco era preciso saber para que se explicasse os movimentos dos corpos celestes então conhecidos. No entanto, este modelo mostrou-se eficaz para permitir previsões muito próximas da verdade.

Toulmin também me indicou que a generalização deste procedimento — a idéia de que, se conhecemos as condições iniciais de um sistema e as leis que governam sua operação, pode-se predizer a configuração resultante a qualquer dado momento — exige um tal montante de informação, quando se lida com sistemas complexos, que não era e nem seria prático coletá-los e confrontá-los, por maior e mais rápido que fosse o computador que estivéssemos usando. E é isto precisamente que estava sendo debatido no problema tal qual eu o havia enunciado.

Se olharmos para a quantidade de informação implícita nas descrições que eu estava dando, e à qual Mariza Peirano se referia, verificamos que é uma quantidade claramente além da possibilidade de se explorar. Podemos selecionar o que é importante para a ocorrência de um evento *a posteriori*, mas não podemos especificar todas estas condições antecipadamente. Isto significa que a noção convencional da explicação científica, que leva à capacidade de predizer como prova de uma explicação adequada, é falha. Ou, para colocá-la da maneira como Toulmin fez comigo, o determinismo poderá estar formalmente correto, mas poderá ser tão somente um formalismo vazio, visto que o grau de conhecimento necessário nunca poderá ser atingido.

O segundo passo na sua análise foi apontar para a distinção aristotelíana entre as causas necessárias e suficientes, cujo corolário é que, por mais detalhada e complexa que seja a demonstração de um evento, isto não assegura que este realmente aconteça. Vejamos um velho exemplo, que usei para discutir a natureza dos mundos da arte e de todas as coisas que deverão estar em seu lugar para que um concerto sinfônico se realize (Becker

1982: 2 ss.). Toulmin assinalou corretamente que, se todas as precondições necessárias fossem atendidas em todos os eventos que levam à realização do concerto, nem por isso se torna necessária a realização do concerto. Os músicos poderão estar lá com seus instrumentos em ordem, as partituras a serem tocadas (e já ensaiadas) abertas sobre os estandes à sua frente, a platéia em seu lugar, o regente no pódio — todas as condições podem estar satisfeitas e o concerto ainda assim pode não se realizar. Condições necessárias, não importa quão exaustivamente descritas, não são suficientes para explicar a ocorrência de um evento.

Esta análise tira a credibilidade de qualquer tipo de determinismo pleno e tradicional. Para muitos, isto já não é novidade. Mas não, infelizmente, para muitos no campo sociológico. A maioria dos sociólogos, isto é, a maioria dos cientistas sociais, ainda pensam em termos deterministas, talvez com uma espécie de desesperança. Mas, então, qual a solução? Confesso ter, eu mesmo, a mesma tendência às explicações deterministas, embora ciente das suas implicações. Mas o tipo de análise que se faz necessária para fazer frente à visão da vida social que apresento aqui requer algo além do determinismo causal simples com o qual minha geração foi criada. Se esta opinião é correta, então não é possível criar leis do tipo "Se A, então B", por mais complicado que façamos A, B e todos os outros.

Mas não é suficiente — pelo menos para mim — substituir as idéias deterministas por uma linguagem imprecisa de "processo", "emergência" e indeterminação. O interessante seria encontrar uma linguagem geral para falar sobre o ponto de vista — sociológico, por que não? — ao qual me refiro aqui. Toulmin me advertiu para o fato de que qualquer afirmação generalizada, mesmo de um conceito tão incrível quanto este que estou tentando provar, será certamente tão vazio e inútil quanto o determinismo total. Ele pensa, provavelmente com razão, que o melhor que podemos fazer é contar uma boa, inteligível e plausível história de como as coisas sucederam, que seja coerente com tudo o mais que conhecemos e tudo o mais que sabemos. Neste caso, uma maneira de expressar de maneira menos grandiosa e mais razoável o que pretendo seria dizer que o interessante seria podermos utilizar uma linguagem com a qual pudéssemos ensinar aos alunos a criar histórias dignas deste nível.

Georg Von Wright deu-nos uma análise formal de grande valor, embora complicada, das complexidades envolvidas na criação de tal linguagem (Von Wright 1971). Sua contribuição mais útil foi distinguir dois tipos de

explicação. Um tipo demonstra "*porque* algo foi ou se tornou *necessário*"; e o outro demonstra "*como* algo foi ou se tornou *possível*". Quando sabemos como algo se tornou possível, ainda não sabemos o suficiente para predizer, mas apenas para efetuar o que ele e outros denominaram "retrodicção" ["retrodiction"](: 58).

> A partir do fato de que se sabe que um fenômeno ocorreu, podemos concluir, voltando no tempo, que suas condições antecedentes necessárias também devem ter ocorrido no passado. E, "olhando-se o passado", encontraremos vestígios dos mesmos (no presente) [: 58-59].

Portanto, o que tenho procurado é uma maneira de falar sobre como as coisas se tornaram possíveis, como uma variedade de condições foram necessárias para que um fenômeno que me é suficientemente caro para querer explicar ocorresse. Mas esta maneira de falar tem de preservar a característica de "acaso" do que aconteceu, o senso de que, afinal, talvez o fenômeno não tivesse acontecido. É isto que procuro.

Processo e contingência

Certamente a análise acima conduz (apesar da minha queixa sobre noções tão confusas) à idéia de que as coisas não acontecem simplesmente, mas, antes, ocorrem numa série de etapas que nós, cientistas sociais, tendemos a denominar "processos", mas que poderiam, da mesma maneira, ser denominadas "histórias". Uma história bem elaborada pode nos satisfazer como uma explicação de um evento. A história narra como algo aconteceu — como uma coisa aconteceu em primeiro lugar e conduziu, de maneira razoavelmente clara, àquele evento, e, então aquelas coisas levaram à próxima... e assim por diante até o final. E como, se tudo aquilo não tivesse acontecido, o evento que nos interessa também não teria ocorrido. Poderíamos descrever as condições necessárias para que um evento (vamos chamá-lo de "E") possa ocorrer, como a história de como uma coisa após a outra aconteceu, até que era quase certo que "E" ocorreria. Para voltar ao exemplo anterior, se conseguíssemos que todos os músicos se reunissem para tocar o concerto sinfônico... e se a platéia comparecesse... e se não houves-

se um incêndio, furacão ou qualquer outro obstáculo natural inesperado... então seria difícil imaginar que o concerto não se realizasse.

Se duas pessoas se conhecem, porém, não é tão certo assim que elas se apaixonarão. Longe disso. Na maioria das vezes, as pessoas não se apaixonam pelas pessoas que vêm a conhecer por acaso. Amigos estão sempre fazendo planos para outros, juntando casais que certamente se dariam bem, só para ver seus planos cairem por terra. Portanto, todas as precondições não implicam que o evento irá acontecer. Lloyd Warner, o antropólogo, contava uma história sobre uma pesquisa numa sociedade aborígene australiana cujos membros, supunha-se, não compreendiam a base fisiológica da gravidez. Quando ele lhes perguntou de onde vinham os bebês, contaram-lhe exatamente o que tinham dito a investigadores anteriores: os bebês aguardam no poço do espírito do clã até que uma mulher tenha um sonho especial, e, então, o espírito dessa criança deixa o poço e entra na barriga da mãe. Ele insistiu no assunto. "E quando homens e mulheres, você sabe, têm relações sexuais? Isto não tem nada a ver?" Os aborígenes olharam-no com pena, como se fosse uma criança pouco inteligente, e disseram que, é claro, era isto que dava origem à criança. Mas, lembraram-no, homens e mulheres sempre têm relações sexuais; no entanto, as mulheres somente engravidam de vez em quando, assinalavam vitoriosos, exatamente quando a mãe sonha com o poço do espírito.

Aprendi, principalmente através da influência de Everett C. Hughes, a pensar nessas dependências de um evento sobre outro, como "contingências". Quando o evento A ocorre, as pessoas envolvidas vêm-se numa situação na qual qualquer uma de várias opções pode ocorrer em seguida. Se eu me formar no curso colegial, poderei freqüentar a universidade, o exército, uma escola profissional, ir para a cadeia... estas estão entre as possíveis etapas seguintes. Existe um número muito grande de possíveis etapas seguintes, mas não um número infinito e, destas, geralmente as mais ou menos prováveis constituem um número relativamente pequeno (embora as não-prováveis possam também vir a ocorrer). O caminho a percorrer a esta altura depende de vários fatores. Podemos chamar de "contingências" as coisas das quais a etapa seguinte depende e, inclusive, afirmar que, se o evento A for seguido do evento B, ao invés de C ou D, isto significa que ele é contingente de outro fator, X. O fato de eu ingressar na universidade é contingente do fato de passar no vestibular, conseguir notas altas para ingressar na universidade da minha escolha, ter recursos suficientes para me

manter, desejar tanto freqüentar a universidade a ponto de fazer tudo para tolerar algumas das inconveniências ligadas a ela, e assim por diante.

Portanto, o caminho que conduz a qualquer evento pode ser visto como uma sucessão de eventos que são, assim, contingentes uns dos outros. Poderíamos imaginar um diagrama de tipo de árvore no qual, em vez de a probabilidade de chegarmos a determinado destino final se tornar menor à medida que nos afastamos do ponto de partida, a probabilidade de alcançar o ponto X aumenta à medida que nos aproximamos dele (Von Wright 1971 usa, de maneira eficaz, diagramas de árvores em sua análise). Voltarei a este problema.

Intercontingência

A cadeia de eventos que conduzem até o evento que é importante para mim, aquele para o qual quero uma explicação detalhada, envolve muitas outras pessoas. Portanto, a cadeia de eventos que me levaram a interessar-me por este problema do acaso exigiu, entre muitas outras coisas, não menos que eu tivesse viajado ao Brasil em primeiro lugar, que Mariza Peirano tivesse entrevistado vários cientistas sociais brasileiros, que todos tivessem usado o acaso como forma de explicação, que ela tivesse escrito um trabalho sobre o assunto, que esse trabalho estivesse sobre a mesa de Gilberto Velho onde eu poderia encontrá-lo (fator este que, por sua vez, requer que ele conheça Mariza Peirano, que ela lhe mande este trabalho não publicado) etc., etc. Qualquer uma destas pessoas poderia ter feito algo diferente, de tal maneira que meu interesse não seria ou não poderia ser despertado como foi.

O dramaturgo suiço Max Frisch, em sua peça *Biography: A Game*, ilustrou esta idéia numa interessante situação dramática (Frisch 1969). Um estranho misterioso ("The Recorder") aparece um dia ao personagem principal, Hannes Kürmann. O estranho oferece a Kürmann a oportunidade de rever sua vida, cujos detalhes vão estar disponíveis através de um terminal de computador (na apresentação que vi em Minneapolis, o operador estava localizado do lado direito do palco) e fazer as mudanças que quisesse. O herói revive uma seqüência de momentos críticos da sua vida. A peça começa com a sua tentativa de mudar o episódio no qual ele pela primeira vez

conhece e dorme com Antoinette Stein, com quem, como ele já sabe, irá se casar e a quem, finalmente, irá matar. Quando o motorista de taxi que foi chamado para levá-la para casa toca a campainha, nenhum dos dois atende. Agora, em retrospecto, ele quer, ao invés de se envolver com ela, mandá-la embora educadamente, mas descobre que não pode mudar suas ações — o personagem aparentemente não possui a força de vontade necessária — de modo a eventualmente mudar o desfecho. Finalmente, quando o estranho indaga se ele quer mudar o assassinato, eles têm a seguinte conversa:

> KÜRMANN. I know how it happened.
> THE RECORDER. By chance?
> KÜRMANN. It wasn't inevitable.

Este diálogo expressa muito bem meu primeiro ponto sobre a natureza deste tipo de explicação, que não concebe os eventos nem por acaso nem como determinados. Mas, tendo optado por não cometer o crime, Kürmann fica sabendo que, em vez de passar pelo menos doze anos na cadeia, ele contrai câncer e está a caminho de uma morte terrível enquanto sua mulher, à qual tivera a intenção de dar uma vida diferente fazendo esta nova opção, vê-se agora condenada a visitá-lo regularmente.

Até aqui, eis a contingência. Mas agora o estranho ('The Recorder') se aproxima da mulher de Kürmann, Antoinette:

> RECORDER. Frau Kürmann.
> ANTOINETTE. Yes?
> RECORDER. Do you regret the seven years with him? [Antoinette stares at the RECORDER.] If I told you that you too have the choice, you too can start all over again, would you know what you would do differently in your life?
> ANTOINETTE. Yes.
> RECORDER. Yes?
> ANTOINETTE. Yes.
> RECORDER. Then go ahead. ... You too can choose all over again.

É então reapresentada a cena de abertura, na qual ela conhece Kürmann. Mas, desta vez, quando o motorista de taxi toca a campainha, ela diz adeus e sai do apartamento de Kürmann e de sua vida para sempre.

> KÜRMANN. What now?
> RECORDER. Now she has gone.
> KÜRMANN. What now?
> RECORDER. And now you're free.
> KÜRMANN. Free...

E assim somos lembrados de que tudo que se passou na vida de Kürmann dependeu não somente de suas ações e escolhas, é claro, mas também das que todas as outras pessoas com quem estava envolvido fizeram. Se Antoinette mudasse a sua vida, a dele também necessariamente mudaria. É lógico que ele não poderia casar-se com uma pessoa que saiu de sua vida de maneira tão definitiva e assassiná-la. Uso este exemplo para chamar de *intercontingência* a dependência das ações de Kürmann sobre as de Antoinette.

Mariza Peirano cita Norbert Elias nestas mesmas linhas:

> In contrast [to 'determinism'], when the indeterminacy, the "freedom" of the individual is stressed, it is usually forgotten that there are simultaneously many mutually dependent individuals. ... More subtle tools of thought than the usual antithesis of "determinism" and "freedom" are needed if such problems are to be solved [Elias 1970: 167].

São precisamente estes os instrumentos que procuro.

Detalhes

Desenvolver análises que levem em consideração este tipo de interdependência exige que o analista tenha enorme conhecimento sobre as pessoas e sobre os eventos em consideração. Cabe incluir aqui mais uma história. Enquanto eu pensava e ruminava sobre estes problemas, empreendi uma viagem a Nova Orleans para uma reunião da Society of Photographic Education. Lá combinei encontrar um amigo para jantar num pequeno teatro onde se realizava um simpósio sobre o trabalho de Charles Bukowski, o poeta que viveu em Nova Orleans. Quando entramos, seu biógrafo e algumas pessoas que o haviam conhecido formavam uma mesa-redonda que

respondia perguntas da platéia. Na maior parte, as perguntas eram do tipo: "Bukowski não morava em Royal Street 724 em abril de 1943?" E as respostas na sua maior parte eram do gênero: "Não, ele só chegou a Nova Orleans em 12 de maio de 1943 e foi morar no outro lado da rua, no número 727 da Royal Street. Só foi morar no 724 o ano seguinte" (ver Cherkovski 1991).

A quantidade de conhecimento e os detalhes que o biógrafo tinha sobre os movimentos e atividades de Bukowski eram realmente notáveis, muito mais do que os sociólogos jamais têm sobre as pessoas cujas atividades propõem-se a analisar e compreender. William Foote Whyte (1943) talvez tivesse um conhecimento detalhado das atividades de Doc e dos Nortons, de Chick e dos universitários em Cornerville, mas nenhum outro sociólogo de que me lembre jamais conheceu tanto a respeito das pessoas que pesquisaram. E mesmo William Foote Whyte perdeu a pista destes homens com os quais teve tão estreito contato, de forma que nem ele poderia reconstruir, passados alguns anos, as elaboradas cadeias de contingência e intercontingência que estou discutindo.

Os biógrafos literários, tentando explicar os trabalhos produzidos pelos seus personagens, coletam esse tipo de informação como rotina. A biografia infinitamente detalhada de James Joyce feita por Richard Ellman (1959), uma narração quase diária de todas as suas atividades, tornou-se o padrão atual de tal empreendimento. Talvez os escritores sejam mais predispostos do que a maioria dos mortais a registrar por escrito os seus atos — em revistas e diários, cartas e rascunhos de trabalhos em andamento — de modo que, quando eles se tornam famosos, seus parentes, amigos, colegas e parceiros de negócios vêm-se, também, mais aptos do que aqueles parentes, amigos, colegas etc. das pessoas comuns para relembrar fatos passados e, também, para disporem-se a longas entrevistas.

Não é, porém, nem impossível nem inconcebível que informações tão detalhadas possam também ser reunidas, para fins de pesquisa, sobre 'pessoas comuns'. Roger Barker fez exatamente isto no seu estudo sobre um dia na vida de um menino de Kansas (Barker *et alii* 1966). Mas era apenas um dia e um menino e, mesmo assim, não foi possível detectar todas as contingências que ocorreram nas vidas das pessoas com as quais o menino entrou em contato. Sem falar no fato de que havia outros dias e outros meninos de diferentes raças e diferentes classes, além das meninas, naturalmente, cujas vidas teriam sido tão interessantes de estudar quanto a dele.

É importante ter em mente que a decisão de não juntar um material tão detalhado não é, nem vejo como poderia ser, baseado em qualquer princípio científico, mas é, antes, fundada na impraticabilidade de tal empreendimento. A impraticabilidade pode ser pensada em termos de recursos financeiros, ou como um empreendimento que não vale o tempo, esforço e dinheiro investidos para reunir o material em questão. Steven Dedijer certa vez chamou-me a atenção para um relatório jornalístico de um estudo sobre meteoros. Este estudo era baseado em filmes feitos por câmeras colocadas em áreas remotas nas montanhas, onde a luz ambiente de cidades e vilarejos próximos não chegavam a interferir na filmagem das trajetórias dos meteoros. "Como você pensa que eles conseguiram estes filmes?" ele me perguntou. Meteoros caindo suficientemente próximos da terra para serem filmados são, afinal, uma ocorrência rara. A resposta é que os cientistas simplesmente filmavam em muitas locações: noites inteiras, todas as noites, e esperavam para que essas raras ocorrências surgissem. (Uma estratégia semelhante é seguida ao se filmar saguões de bancos, para se conseguir em filme a rara ocorrência de um assalto, e em estudos de fissão nuclear, também com base no exame de um número enorme de fotografias em busca de provas de interações raras). Como, então, Dedijer queria saber, seriam os estudos sociológicos, se pudéssemos coletar dados de maneira semelhante? Mas, é claro, ninguém iria financiar uma coleta de dados tão grande e imprevisível. Devemos nos contentar, no futuro previsível, com dados menos do que perfeitos. Mas estes exemplos poderiam servir de sinais de alerta, lembrando-nos daquilo que nos falta em precisão de dados.

Odds and Ends

Outra pista sobre este assunto pode ser encontrada no estudo de Mark Granovetter (Granovetter 1974), que focaliza a maneira pela qual as pessoas conseguem empregos. As pessoas que ele entrevistou tipicamente encontraram os seus empregos atuais e outros que já haviam tido através de contatos com pessoas com as quais tinham "elos fracos", pessoas com as quais tinham alguma conexão, mas não com quem tivessem contato regular. Vivendo em mundos um tanto diferentes, estes conhecidos casuais sabiam das possibilidades que não eram aparentes para os típicos caçadores de empregos, o que aumentava as oportunidades possíveis para aqueles que procura-

vam um trabalho. Parece que poderíamos aplicar, neste caso, uma regra como a que se segue: quanto maior o número de elos fracos existentes em qualquer grupo social, tanto maior os eventos "ocasionais" poderão ocorrer e, assim, servir como precondição para coincidências do tipo "acaso".

Várias pessoas têm-me apresentado objeções de que todos esses problemas somente surgem se nós insistimos em compreender a ocorrência de eventos individuais únicos. Talvez seja verdade, mas é também verdade que muitas vezes nós queremos explicar exatamente estas coisas, talvez por estarmos interessados em casos históricos de grande interesse (por exemplo, a Revolução Francesa) ou por uma variedade de outras razões. E é verdade, também, que mesmo afirmações de probabilidade pressupõem um processo subjacente que produz regularidades e que, eventualmente, gostaríamos de vir a compreender até mesmo esse processo.

Finalmente, e permito-me aqui um capricho, quero registrar que ultimamente tenho me interessado pelo que se denomina "hipertexto", isto é, textos cujas partes são ligadas de maneira múltipla (ver, por exemplo, Bernstein 1986; Bernstein *et alii* 1991; Bernstein *et alii* 1983; Bolter 1991 e, um exemplo ideal do gênero, Joyce 1990). Podemos classificar um livro comum ou artigo como um texto linear no qual as partes (sentenças, parágrafos, capítulos) estão ligadas em uma seqüência fixa. Se decidimos ler o texto como queria o autor, começamos pela primeira página, lemos cada parágrafo na ordem em que surgem, seguimos para a página 2, e assim até o final. É verdade que podemos nos desviar, folhear outras partes do livro, mas existe uma ordem "correta" para lê-lo.

Os hipertextos, por seu lado, não têm ordem fixa. As sentenças, parágrafos ou capítulos encontram-se dispostos de uma maneira tal que, a partir de cada um deles, qualquer um dos chamados "nodes", você pode seguir para vários outros. Seguindo tais caminhos, que obviamente foram arranjados pelo autor, você poderá atravessar a obra numa variedade de caminhos tais que duas experiências de leitura nunca serão necessariamente idênticas. Parece-me que tal forma literária é especialmente adequada para a apresentação de análises sociológicas que contêm em si tantas possibilidades quantos caminhos alternativos.

The end

É tentador pensar que, tendo lido este trabalho, o leitor verá sua vida mudada de alguma maneira, mesmo difícil de especificar. Caso alguém quiser se dar ao trabalho de me comunicar que eventos ocorreram graças à leitura deste texto e que, de outra maneira, possivelmente não teriam ocorrido, por favor sinta-se à vontade de fazê-lo. Parece igualmente conseqüente com o argumento que procurei desenvolver que este trabalho não está e jamais estará acabado, que outras pessoas aparecerão e farão com ele algo diferente, tão diferente como eu procurei fazer a partir do artigo de Mariza Peirano, publicado, por acaso, em número anterior deste mesmo *Anuário*.

BIBLIOGRAFIA

BARKER, Roger G., Herbert F. WRIGHT, em colaboração com Louise S. BARKER e outros. 1966. *A Boy's Day: A Specimen Record of Behavior*. Hamden, CT: Archon Books.

BECKER, Howard S. 1982. *Art Worlds*. Berkeley: University of California Press.

BERNSTEIN, Mark. 1986. "The Shape of Hypertext Documents: Form and Gesture in Hypertext Rhetoric". In *36th International Technical Communication Conference de Chicago*.

BERNSTEIN, Mark, Jay David BOLTER, Michael JOYCE & Elli MYLONAS. 1991. "Architectures for Volatile Hypertexts". In *Hypertext 91 in Baltimore*. Association of Computing Machinery. pp. 1-19.

BERNSTEIN, Mark, Michael JOYCE & David LEVINE. 1983. "Contours of Constructive Hypertexts" In *European Conference on Hypertext in Baltimore*. Association of Computing Machinery.

BOLTER, Jay David. 1991. *Writing Space: The Computer, Hypertext, and the History of Writing*. Cambridge M.A.: Eastgate Systems.

CANDIDO, Antonio. 1987 [1964]. *Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o Caipira Paulista e a Transformação de seus Meios de Vida*. 7a. edição. São Paulo: Duas Cidades.

______. 1990. "Quatro Esperas". *Novos Estudos CEBRAP* 26: 49-76.

CHERKOVSKI, Neeli. 1991. *Hank: the Life of Charles Bukowski*. New York: Random House.

DIACONIS, Persi & Frederick MOSTELLER. 1989. "Methods for Studying Coincidences". *Journal of the American Statistical Association* 84: 853-61.

ELIAS, Norbert, 1970. *What is Sociology?* Londres: Hutcheson & Co.

ELLMANN, Richard. 1959. *James Joyce*. New York: Oxford University Press.

FRISCH, Max. 1969. *Biography: A Game*. New York: Hill and Wang.

GRANOVETTER, Mark. 1974. *Getting a Job*. Cambridge: Harvard University Press.

JOYCE, Michael. 1990. *Afternoon, A Story*. Cambridge, M.A.: Eastgate Systems.

PEIRANO, Mariza G.S. 1992a. *Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

______. 1992b. Artimanhas do Acaso. *Anuário Antropológico/89*: 9-21. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

VON WRIGHT, Georg Henrik. 1971. *Explanation and Understanding*. Ithaca: Cornell University Press.

WHYTE, William Foote. 1943. *Street Corner Society*. Chicago: University of Chicago Press.